

FERNÃO MENDES PINTO NA GRAMÁTICA HISTÓRICA DE SAID ALI

César Nardelli CAMBRAIA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3493>

Resumo: O presente estudo discute os critérios de inclusão de abonações da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Said Ali. Do ponto de vista teórico, o estudo se baseou fundamentalmente no conceito de gramatização de Sylvain Auroux. Foram coletadas e analisadas todas as abonações identificadas. Testou-se a hipótese de que o papel dessas abonações teria sido o de evidenciar padrões sintáticos que passaram por mudança do séc. XVI para o séc. XX. Os dados coletados revelaram que essa hipótese não procede totalmente, tendo sido os critérios de inclusão múltiplos: sustentar uma interpretação da história da língua portuguesa como processo dual, ou seja, integrando tanto ruptura (inovação) quanto continuidade (conservação); apresentar particularidade linguística do autor; atestar padrões linguísticos coletivos (uma norma), mais do que individuais; e dar continuidade a uma tradição de valorização do autor em função da existência de nítidos vínculos linguísticos entre o português quinhentista e o português do Brasil de então.

Palavras-chave: Historiografia. Gramatização. Gramática. Linguística Histórica.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; nardelli@ufmg.br; <https://orcid.org/0000-0002-2403-3021>

FERNÃO MENDES PINTO IN SAID ALI'S HISTORICAL GRAMMAR

Abstract: The present study discusses the criteria for the inclusion of quotes from the *Peregrinação* by Fernão Mendes Pinto in the *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* by Said Ali. From a theoretical point of view, the study was based fundamentally on Sylvain Auroux's concept of grammatization. All identified quotes were collected and analyzed. It was tested the hypothesis that the role of these quotes would have been to highlight syntactic patterns that underwent a change from the 16th to the 20th century. The collected data revealed that this hypothesis is not entirely correct, being the criteria for the inclusion multiple: to sustain an interpretation of the history of the Portuguese language as a dual process, that is, integrating both rupture (innovation) and continuity (conservation); presenting linguistic particularity of the author; attesting collective linguistic patterns (a norm), rather than individual ones; and continuing a tradition of valuing the author due to the existence of clear linguistic links between 16th century Portuguese and Brazilian Portuguese at that time.

Keywords: Historiography. Grammatization. Grammar. Historical Linguistics.

Introdução²

Gramáticas históricas, entendidas de forma ampla, são obras em que se descreve o percurso histórico de uma dada língua. Uma das diferenças que se percebem entre as obras desse teor está relacionada à apresentação, em maior ou menor grau, de atestações para cada fato abordado. Essas atestações, tradicionalmente chamadas de *abonações*, variam sensivelmente de uma obra desse tipo para outra: tanto em termos numéricos quanto em termos de diversidade. Tendo em vista essa variação, apresenta-se como ponto de interesse para discussões sobre esse tipo de obra compreender o que leva aquele que elabora uma gramática histórica a incluir abonações de um dado autor. No presente estudo, pretende-se abordar essa questão restringindo-se a análise a dois componentes principais: a obra *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali, e as abonações nela presentes extraídas da obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Dito de forma mais direta, o que levou Said Ali a incluir abonações de Fernão Mendes Pinto na sua gramática histórica?

² Pesquisa realizada no quadro do projeto "Para uma gramática do português clássico: o sintagma nominal e suas funções na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto", com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Fernão Mendes Pinto e Manoel Said Ali Ida: os personagens

Para melhor compreender o significado da presença de Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali, convém recuperar alguns dados básicos da biografia de cada um deles.

De acordo com Garcia (1995, p. 8-9), a vida de Fernão Mendes Pinto pode ser segmentada em três fases: 1ª fase (ca. 1510 a 1537), infância e juventude em Portugal; 2ª fase (1537-1558), vida no Oriente; e 3ª fase (1558 a 1583), vida de novo em Portugal. Pinto nasceu em Montemor-o-Velho; mudou-se para Lisboa em 13 de dezembro de 1521 (com a idade de 10 ou 12 anos); viveu em seguida em Setúbal até 11 de março de 1537, quando partiu para o Oriente; retornou a Lisboa em 22 de setembro de 1558, instalando-se em Almada, localidade em que faleceu em 8 de julho de 1583. Segundo Garcia (1995, p. 11), a sua famosa obra *Peregrinação* teria sido redigida principalmente na década entre 1568 e 1578. Essa obra se constitui de uma longa narrativa composta de 226 capítulos, cuja primeira edição ocorreu apenas em 1614, tendo desfrutado posteriormente de uma ampla difusão não só em função de reedições (integrais, abreviadas, adaptadas) como também de tradução para outras línguas (Faria, 1992). Essa narrativa foi também objeto de uma ampla gama de estudos segundo diferentes perspectivas, sobretudo histórica, geográfica, literária e linguística (Faria, 1992). Sua obra é considerada uma das mais típicas representantes da literatura de viagens do renascimento português.

Manoel Said Ali Ida nasceu em 21 de outubro de 1861 em Petrópolis e faleceu na Cidade do Rio de Janeiro em 27 de maio de 1953. Segundo apurado por Carvalho e Silva (1993, p. 48), atuou como professor de alemão, francês, inglês e geografia, tendo feito parte do corpo docente do Colégio Pedro II e da Escola Preparatória e de Tática do Realengo (hoje, Escola do Estado Maior do Exército). Publicou uma ampla gama de trabalhos, com artigos em revistas e jornais, traduções de obras didáticas, estudos prévios de edições de escritores brasileiros, estudos sobre a renovação da ortografia portuguesa, miscelâneas de estudos publicadas em livros, estudos de versificação e, o que mais importa para o presente estudo, tentativas de sistematização, à luz das novas doutrinas, dos estudos de linguística sincrônica e diacrônica do português (Carvalho e Silva, 1993, p. 53-54). Na visão de Carvalho e Silva (1993, p. 55), as principais contribuições de Said Ali à linguística foram:

[...] a capacidade de distinguir o lado positivo da contribuição dos grandes mestres do século XIX, como os neogramáticos, pondo de lado os seus excessos e a visão unilateral dos fatos da evolução linguística; a percepção dos dois planos dos estudos – o sincrônico e o diacrônico [...]; a noção de como se

estabelecem cientificamente as normas do uso culto da língua, fazendo-se o registro fiel dos fatos da língua padrão e observando-se os hábitos de pronúncia da mesma época [...]; as luminosas considerações [...] sobre a característica de mutabilidade das línguas como expressões de culturas que se intercomunicam, e sobre os empréstimos lingüísticos como fatos inelutáveis; a compreensão da existência de outros fatores, como o psicológico, nas alterações de linguagem; a distinção que faz, em diferentes oportunidades [...] entre os usos gramatical e estilístico dos recursos de comunicação e expressão da língua; o exato conceito de idiotismo ou idiomatismo, que ele não caracteriza como fato exclusivo de uma determinada língua; a valorização, na justa medida, da questão ortográfica, que o fez pugnar pela simplificação e uniformização das grafias do português sem no entanto admitir rigidez de soluções para todos os casos [...]; a boa utilização do método estatístico para comprovar afirmações referentes a problemas da língua portuguesa; uma permanente preocupação de não sobrecarregar a nomenclatura com denominações novas e desnecessárias, e de evitar “a terminologia abstrusa e inútil”.

Dentre as suas obras, destacam-se a *Lexeologia do Português Histórico*, de 1921, e a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*, de 1923, as quais foram reunidas na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, em 1931. Segundo dados coletados por Martins (1996), Penha (1997) e López Viñas e Caetano (2010), é possível considerar que o conjunto das duas obras de Said Ali acima referidas constitui cronologicamente a 13ª obra de gramática histórica da língua portuguesa.

O processo de gramatização e as gramáticas históricas do português

Segundo Aurox (1992, p. 65, grifo do autor), a gramatização constitui “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”. Para esse estudioso, uma gramática compõe-se, pelo menos, “de *uma categorização das unidades, de exemplos e de regras mais ou menos explícitas para construir enunciados*” (Aurox, 1992, p. 66, grifo próprio). Especificamente em relação aos exemplos, aspecto que está diretamente relacionado à questão das abonações do presente estudo, o referido autor esclarece que:

Os exemplos se beneficiam de uma espantosa estabilidade no tempo; nós os reencontramos, por um procedimento de tradução, de língua a língua. A constituição de um *corpus* de exemplos é um elemento decisivo para a gramatização. De um lado, ele é evidentemente o núcleo da língua

normatizada. Do outro, sendo construtos teóricos (mesmo quando, ao invés de serem fabricados, eles provêm de citações ou de excertos de um *corpus*), os exemplos testemunham sempre uma certa realidade linguística. Eles podem não somente disfarçar a ausência de certas regras (ou a impossibilidade na qual se encontra o gramático de formulá-las [...]) como, quando necessário, podem ser invocados contra as regras e a descrição morfológica, ou ainda servir posteriormente para justificar outras descrições e outras regras (Auroux, 1992, p. 67).

No que tange à gramatização dos vernáculos europeus, Auroux (1992, p. 68) lembra que os primeiros gramáticos trabalhavam em espaços de oralidade, nos quais se fazia evidente a variação linguística. Tomando como parâmetro a estabilidade literária do latim, os gramáticos teriam enquadrado a questão da variação na discussão do “bom uso”, levando assim a uma redução da variação entre os sécs. XVI e XVII. Em função disso, Auroux (1992, p. 69) considera que uma gramática é também um *instrumento linguístico*, na medida em que não é “uma simples descrição da linguagem natural”, pois “prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram junto na competência de um mesmo locutor”.

A questão das abonações nas descrições gramaticais é bastante complexa, porque envolve a articulação de diferentes aspectos: tanto a seleção da língua em sua modalidade escrita, quanto a opção pelo texto de natureza literária. Cavalieri (2012), debatendo essa questão, chama a atenção para dois fatos referentes à escolha do *corpus* para a descrição linguística (e, conseqüentemente, das abonações que são apresentadas nela): primeiramente, o apoio da descrição no *corpus* literário seria uma questão de método, já que se considerava que fosse esse o mais adequado para o ensino de língua escrita, mas, além disso, porque, retomando a interpretação de Coseriu (1993, p. 39), é no texto literário que se encontra “a plena funcionalidade da linguagem ou a realização de suas possibilidades, de suas virtualidades”. Refletindo sobre o desenvolvimento da tradição gramatical, Cavalieri (2012, p. 227-228) apresenta a seguinte síntese:

Na verdade, o que se percebe na abordagem historiográfica do saber linguístico é que a tradição gramatical, ou se quisermos, a tradição dos estudos sobre a língua nasceu espontaneamente da análise do texto escrito. A rigor, a necessidade de refletir sobre o funcionamento da língua adveio da escritura, no sentido de que para ler, por exemplo, textos escritos em língua estrangeira, os gramáticos tiveram de compreender preliminarmente a gramática dessas línguas. Essa alteridade proporcionada pelo contato com a língua escrita e a necessidade de

descrevê-la para, então, entendê-la promoveu uma ‘revolução tecnológica’ sem par na história do saber científico. Em síntese, a tradição escolástica no âmbito do desenvolvimento do saber linguístico, que confere à língua escrita o caráter de *corpus* primacial, está vinculada ao próprio surgimento da reflexão sobre o fenômeno linguístico.

Embora sejam raros estudos que tenham contemplado especificamente a análise de abonações em gramáticas de língua portuguesa, foi possível identificar quatro estudos (Henriques, 1998, 2003, 2004; Francischini, 2021), dos quais dois são especialmente interessantes para a presente discussão e são referidos a seguir.

Em seu primeiro estudo sobre o tema, Henriques (1998) se dedica à análise do cânone linguístico-literário na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, publicada originalmente em 1961, mas com sucessivas reedições. Segundo esclarece Henriques (1998), a canonização linguístico-literária consiste no seguinte processo referente à gramática normativa:

[...] quando é preciso abonar uma estrutura sintática ou um determinado emprego vocabular, reconhecemos que o trecho escolhido de um autor serve não apenas para comprovar a regra ou a exposição gramatical, mas também para atribuir ao autor selecionado um nível de excelência diante do eventual leitor da obra teórica (Henriques, 1998, p. 26).

Considerando a obra de Bechara já mencionada, Henriques (1998) verificou que, nela, se retrata um padrão linguístico-literário de características variadas: das 722 abonações, 76,3% pertencem a apenas cinco autores (Marquês de Maricá, 191; Alexandre Herculano, 155; Machado de Assis, 121; Camilo Castelo Branco, 60; Luís de Camões, 24), sendo estes três portugueses e dois brasileiros, um do séc. XVI, um do séc. XVIII e três do séc. XIX. No total, a obra havia contemplado abonações de 54 autores, todos do sexo masculino (25 portugueses e 29 brasileiros). Considerando que o Marquês de Maricá foi contemplado com 26,4% de todas as abonações, Henrique (1998, p. 34) interpreta que isso se deu pelo fato de a obra se prestar “com justeza aos objetivos didáticos do gramático, que viu nesse tipo de construção, além da correção da frase, a completitude da ideia e o ensinamento moral”. Trata-se de uma interpretação interessante, porque evidencia que as abonações podem ultrapassar a simples função de atestação de um fato linguístico.

Em outro estudo, mas de maior fôlego em função da extensão do *corpus*, Henriques (2004) se ocupou de três gramáticas de Celso Cunha: *Gramática do Português Contemporâneo* (doravante, *GPC*), de 1970; *Gramática da Língua Portuguesa* (doravante

GLP), de 1972; e *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (doravante *NGPC*), em coautoria com Lindley Cintra, de 1985. De acordo o referido pesquisador, cada uma dessas gramáticas tinha um perfil canonizador diferente pelos seguintes motivos:

[...] a *GPC* pela intenção inovadora de utilizar autores que confirmassem a validade do adjetivo “contemporâneo” utilizado no título da obra; a *GLP* pela decisão editorial de restringir a exemplificação a autores falecidos; e a *NGPC* pelo critério autoral de elaborar uma obra de referência para toda a comunidade de língua portuguesa (Henriques, 2004, p. 119).

Contabilizando as abonações, Henriques (2004, p.154-155) registra 1.200, distribuídas entre 166 autores diferentes, na *GPC* (ed. de 1970); 1.874, entre 116 autores, na *GLP* (ed. de 1990); e 2.394, entre 205 autores, na *NGPC* (ed. de 1990). Segundo Henriques (2004, p.158), as abonações selecionadas por Celso Cunha inovaram na prática da gramaticografia de língua portuguesa, na medida em que o gramático “pretendeu equilibrar os conceitos de norma e de correção idiomática com um princípio inerente a todo sistema de língua, a variação”, tendo sua forma de apresentar a norma admitido a variação do ponto de vista diatópico, diastrático ou diafásico.

As discussões conduzidas por Cavalieri (2012) e Henriques (1998, 2004), embora tenham tomado como referência primordialmente as gramáticas voltadas para descrição linguística sem orientação marcadamente histórica, são de grande importância para enquadrar, em um contexto mais amplo, a questão das abonações. Mas essa questão também se faz presente em descrições linguísticas com orientação marcadamente histórica, ou seja, em gramáticas históricas.

No curso do desenvolvimento dos estudos linguísticos, ganhou vulto, na segunda metade do séc. XVIII, a abordagem comparatista, que, incorporando a perspectiva cronologicamente seriada na análise dos dados, permitiu a consolidação do método histórico-comparado em princípios do séc. XVIII. A partir dessa época, muitas gramáticas históricas passaram a ser produzidas.

Na concepção de Malkiel (1968, p. 72, tradução própria),

[u]ma gramática histórica pode ser definida como um arranjo formal de dados estritamente linguísticos pertencentes mais à estrutura do que ao léxico e vistos em uma perspectiva diacrônica, isto é, pressupõem-se pelo menos dois conjuntos paralelos de formas separadas por um período de tempo suficientemente extenso para que contrastes nitidamente marcados entre as formas correspondentes tenham se cristalizado, se não em todos os casos, pelo menos em uma escala considerável.

Tendo em vista essa definição, Martins (1996) fez uma avaliação das gramáticas históricas do português até então existentes, contemplando, dentre outras, a gramática histórica de Said Ali. Segundo Martins (1996, p. 63-65), essa gramática pode ser interpretada como “modernista”, nos termos de Malkiel (1968), que aplica esse atributo aos casos em que se superam abordagens antiquadas com adoção de novos critérios para organização de dados. Martins (1996, p. 64, grifo do autor), assinala que

[...] na gramática de Said Ali o primado do factual cede lugar a um posicionamento mais especulativo visando a interpretação dos factos em vez da sua simples organização e exposição. Não quer isto dizer que Said Ali atenda menos às fontes e aos dados que elas disponibilizam. Na verdade, [...] Said Ali fá-lo, a cada passo citando, nas suas palavras, *provas* e *exemplos* retirados dos *muitos e diferentes textos* que *leu e cotejou*. O trabalho directo com as fontes é aliás uma opção explicitamente assumida por Said Ali, com resultados gratificantes.

Martins (1996, p. 64) esclarece ainda que a gramática histórica de Said Ali foi inovadora em dois aspectos: (a) a preferência do autor pela sintaxe frente à fonética e à fonologia, mantendo o destaque para a morfologia flexional e (b) o deslocamento do interesse pelas mudanças ocorridas entre o latim e o português para as ocorridas dentro do português. Por causa dessas duas opções, “Said Ali dá grande atenção ao português clássico e pós-clássico, contrariamente aos restantes gramáticos que se ocupam particularmente, dentro do português, do período medieval” (Martins, 1996, p. 64-65). Segundo postula Martins (1996, p. 65), enquanto as principais mudanças fonético-fonológicas ocorreram na história do português até o séc. XVI, já as sintáticas se deram a partir desse século.

Hipótese de trabalho

Como visto na seção precedente, Martins (1996) considera que o olhar de Said Ali teria se voltado para o português clássico e pós-clássico em função de sua opção por privilegiar a análise da sintaxe ao abordar a história da língua portuguesa, já que as mudanças sintáticas teriam se manifestado essencialmente a partir do séc. XVI. Tomando essa afirmação de Martins (1996) como ponto de partida, é possível propor aqui a hipótese de que *o papel das abonações extraídas da obra de Fernão Mendes Pinto teria sido o de evidenciar padrões sintáticos que passaram por mudança do séc. XVI para o séc. XX*. Sendo assim, a hipótese será confirmada se os padrões sintáticos exemplificados com abonações de Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali forem diferentes dos do séc. XX; caso sejam semelhantes aos do séc. XX, então a hipótese não terá sido confirmada.

Metodologia

Adotou-se como *corpus* principal para o presente estudo a edição de 1964 da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, preparada por Maximiano de Carvalho e Silva (Said Ali, 1964). Elegeu-se essa edição, porque ela apresenta, ao final, um “Índice Bibliográfico” (p. 368-373) com a indicação de todos os parágrafos em que cada autor é referido, além de ter sido realizada de forma crítica pelo editor.

No referido índice, há 203 entradas, sendo 57 de autores de língua portuguesa, 7 de autores latinos e italianos, 32 de estudiosos da linguagem e 14 de interreferência: analisaram-se apenas os dados de autores de língua portuguesa.

Foram excluídos da contagem os dados referentes aos parágrafos 1 a 31, pois, nesta parte inicial, de natureza geral, não há abonações. Três dos 57 autores (D. João I, Frei Vicente do Salvador e Sousa de Macedo) foram mencionados apenas nessa seção inicial, logo não fizeram parte da análise quantitativa.

Os dados foram calculados não apenas conjuntamente, mas também em relação às duas unidades que deram origem à obra (“Lexeologia do Português Histórico”, §§ 32-1125; “Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico”, §§ 213-1125) e às duas subunidades de cada uma delas (respectivamente, “Os Sons do Português e sua Representação”, §§ 32-212; “Os vocábulos”, §§ 213-1125; “Formação de Palavras”, §§ 1126-1329; e “Sintaxe”, §§ 1330-1701).

Os autores citados tiveram suas datas de nascimento e de morte identificadas e foram classificados por século (em caso de tempo de vida acima da idade de 21 anos entre dois séculos, utilizou-se categoria composta, como séc. XVI-XVII³).

Os valores apurados foram apresentados em números absolutos (n) e relativos (%). O ranqueamento (#) referente a cada grupo de dados relativos é apresentado após ele.

É importante assinalar que a quantificação considera número de parágrafos, e não número de abonações, já que em um mesmo parágrafo pode ocorrer mais de uma abonação do mesmo autor. Entretanto, esses casos de mais de uma abonação em um mesmo parágrafo não são tão comuns, por isso o critério de parágrafos é viável.

A forma dos nomes dos autores segue a apresentada no referido índice. Uma tabela completa com os dados encontra-se na seção Anexo deste estudo.

³ Assume-se aqui que as obras dos autores contemplados foram produzidas já na sua vida adulta, ou seja, aprox. a partir do segundo decênio de vida.

Apresentação e discussão dos dados

Uma primeira análise quantitativa dos autores contemplados com abonações na gramática histórica de Said Ali permite perceber que não houve uma distribuição equânime por época, como se vê pela Tabela 1 a seguir:

Tabela 1. Autores e parágrafos com abonações por século

Século	Autores	Parágrafos	Média de parágrafos por autor
XV	3	156	52
XV-XVI	3	71	23,7
XVI	24	647	27
XVI-XVII	4	92	23
XVII	5	321	64,2
XVII-XVIII	1	105	105
XVIII	5	43	8,6
XVIII-XIX	1	24	24
XIX	8	192	24
Total	54	1651	52

Fonte: Elaboração própria.

Esses dados são compatíveis com a constatação de Martins (1996) de que Said Ali *contemplou mais o português clássico e pós-clássico do que o português medieval*: há apenas três autores (D. Duarte, Zurara e Fernão Lopes) do séc. XV e, portanto, tipicamente medievais. Interpretando-se aqui como *clássicos* os autores dos sécs. XVI a XVII e como *pós-clássicos* os dos sécs. XVIII a XIX, vê-se ainda que houve *grande ênfase nos clássicos*: há 33 autores dos sécs. XVI, XVI-XVII e XVII, com 1060 §§ com abonações suas, contra apenas 15 dos sécs. XVIII, XVIII-XIX e XIX, com 259 §§ com abonações.

Os dados da tabela 1 podem ser ainda melhor entendidos levando em conta a tabela 2 no Anexo, em que se apresenta a quantificação por autor: os cinco autores com maior número de parágrafos com abonação são, nesta ordem: Padre Antônio Vieira, séc. XVII, 268 §§; Luís de Camões, séc. XVI, 171 §§; João de Barros, séc. XVI, 129 §§; Alexandre Herculano, séc. XIX, 125 §§; e Padre Manuel Bernardes, séc. XVII-XVIII, 105 §§. Com exceção de Vieira, que, apesar de português de nascimento, passou quase toda sua vida em terras brasileiras, os demais são propriamente portugueses. Se, para os séculos mais pretéritos, não há tantos autores nascidos no Brasil para serem eleitos como fonte de descrição, já para o séc. XVIII em diante não faltam e ainda assim foram poucos considerados na obra de Said Ali. Os autores nascidos no Brasil com abonação presente na gramática histórica de Said Ali são apenas: Antônio José (da Silva), séc. XVIII, 9 §§; Frei Santa Rita Durão,

séc. XVIII, 3 §§; e Gonçalves Dias, séc. XIX, 2 §§. Vê-se, assim, que Said Ali *contemplou predominantemente autores portugueses*.

Segundo os dados do índice bibliográfico da edição de 1964 da gramática histórica de Said Ali, há 25 parágrafos com abonações da obra de Fernão Mendes Pinto e são os seguintes (itálicos do próprio Said Ali):

(1) Gênero dos substantivos, § 316, p. 68: “Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] *hũa Roma, hũa Constantinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa, (ib. 2, 80⁴)*”.

(2) Gênero dos substantivos, § 340, p. 73: “Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e *copos* tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (Fernão Mendes Pinto 1, 278) – Hum envoltorio em que vinhão muytos *copos* e jarros de prata (*ib. 2, 275*)”.

(3) Adjetivos: formação do plural, § 356, p. 76: “*habiles* (Fernão Mendes Pinto 2, 114)”.

(4) Adjetivos: superlativo intensivo, § 400, p. 83: “*pobríssimo* ([...] Fernão Mendes Pinto, 1, 50; 1, 90 [...])”.

(5) Adjetivos: superlativo intensivo, § 404, p. 83: “*Grandíssimo* [...] ([...] Fernão Mendes Pinto 1, 55; 1, 90 [...])”.

(6) Numerais cardinais e multiplicativos, § 418, p. 87: “*concorre a ella tarda gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas* (Fernão Mendes Pinto 289)”.

(7) Pronomes demonstrativos, § 503, p. 105: “Rogo-te... que me perdoes *isso* que dizes que to fiz (Fernão Mendes Pinto 3, 1.76) – Confronte com: E como tu *disto* que eu digo não podes ser o juiz... ey por escusado responder por mim (*ib. 3, 170*)”.

(8) Pronomes relativos, § 517, p. 108: “E lhe disserão que sem falta nenhũa seu filho morreria aquella noite, *pelo que* lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (Fernão Mendes Pinto 2, 221) – Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinhão..., *pelo que* lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (*ib. 2, 222*)”.

4 A localização dos excertos por Said Ali segue a edição rollandiana da *Peregrinação*, de 1829 (Pinto, 1829), indicando-se tomo e página. Nesta primeira abonação, o uso de *ib.* foi um lapso, pois não há referência à mesma obra logo antes.

(9) Pronomes relativos, § 518, p. 108: “A *que* elle replicou (Fernão Mendes Pinto 2, 235) – Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? A *que* respondemos que seria pelo successo de guerra (*ib.* 2, 236)”.

(10) Pronomes interrogativos, § 531, p. 111: “Ó filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, *quem* fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas ...? (Fernão Mendes Pinto 2, 304)”.

(11) Verbos: presente do indicativo, § 657, p. 135: “Nas quaes [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra *produze* (Fernão Mendes Pinto, 2, 333)”.

(12) Verbos: particípio do pretérito, § 735, p. 147: “Pubricada esta sentença, *foi aceita* de ambas as partes com grande contentamento (Fernão Mendes Pinto 3, 165)”.

(13) Verbos: verbos transitivos e intransitivos, § 862, p. 170: “Por onde se diga que não *cumpres com o que juraste* (Fernão Mendes Pinto 3, 92) – Não deixeis de *cumprir co que deveis* (*ib.* 1, 75) – Queria *cumprir* inteiramente *com a obrigação* do officio (*ib.* 1, 81) – Hade ser forçado *cumprir eu co que devo* (*ib.* 2, 234)”.

(14) Verbos: verbos transitivos e intransitivos, § 865, p. 171: “Tirou a espingarda... e a poz no rosto e *apontou para* hũa lorangeyra que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arrebentou por tres partes (Fernão Mendes Pinto 2, 217)”.

(15) Verbos: verbos transitivos e intransitivos, § 872, p. 173: “E fazendo oração... *lhe ouviram dizer* com hũ grande suspiro: ó Jesu Christo, amores de my anima, põe, Senhor meu, os olhos em ti (Fernão Mendes Pinto 3, 208)”.

(16) Verbos: vozes ativa, passiva e medial, § 903, p. 182: “Comtudo *lhe pediram que se lembrasse* do que os soldados daqui pretendiam (Fernão Mendes Pinto 3, 160)”.

(17) Advérbios: a negação, § 991, p. 199: “Na feitoria *não* avia *nem hum* só prego..., *nem* outra cousa *nenhũa* das que erão necessarias (Fernão Mendes Pinto 3, 203) – *Não* tinham cousa *nenhũa* pera comerem (*ib.* 3, 214) – *Não* aparecia cousa *nenhũa* (*ib.* 3, 276) – *Não* falou mais palavra *nenhũa* (*ib.* 7, 277)”.⁵

(18) Advérbios: a negação, § 996, p. 200: “E *lhes disse* que elle tinha feito voto solenne e jurado... de não deixar aquelle cerco *até não* pôr a cidade por terra (Fernão Mendes Pinto 3, 59) – Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effectuar o que tinha determinado, que era não levantar aquelle cerco *até não* ser senhor da cidade (*ib.* 3, 119)”.

⁵ Lapso tipográfico: trata-se de “3, 277” e não “7, 277”.

(19) Advérbios: a negação, § 998, p. 200: “Foy o melhor gentio que *nunca* ouve naquella terra (Fernão Mendes Pinto 3, 91)”.

(20) Sintaxe: casos particulares de concordância, § 1409, p. 285: “*Eu com outros 26 companheiros nos fomos* para Malaca (Fernão Mendes Pinto 3, 182)”.

(21) Sintaxe: funções dos tempos verbais: imperfeito e perfeito, § 1522, p. 313: “E continuando nossa viagem assi destroçados como *hiamos* mais tres dias, nos deu hum temporal do vento esgarrão (Fernão Mendes Pinto 2, 198) – Os ventos nordestes nos *eram* ponteyros, e as agoas *corriam* muyto contra nós (*ib.* 2, 199). [...] Acudindo-lhe com agoa quando *esmoreciam* que era muytas vezes (Fernão Mendes Pinto 2, 293)”.

(22) Sintaxe: emprego do infinitivo: infinitivo pessoal, § 1653, p. 344: “Mandou-lhes que *trabalhassem por tomarem* algũs homens naturaes da cidade (Fernão Mendes Pinto 1, 247)”.

(23) Sintaxe: emprego do infinitivo: infinitivo pessoal, § 1661, p. 347: “*Pasmas-te de me veres* a mim, ou *de te veres* a ty em tamanha honra? (Fernão Mendes Pinto 3, 169) – Nós todos estavamos como *pasmados de vermos* o modo com que attribuião suas cousas á causa principal de todos os beês (*ib.* 2, 66)”.

(24) Sintaxe: emprego do infinitivo: infinitivo pessoal, § 1664, p. 348: “[Os presos] tem logo *esperança certa de serem* livres (Fernão Mendes Pinto 2, 88)”.

(25) Sintaxe: emprego do infinitivo: infinitivo pessoal, § 1667, p. 349: “Tanto que o primeiro tocar o buzio, todos os outros que o ouvirem *são obrigados a tocarem* logo os seus so pena de morte (Fernão Mendes Pinto 3, 190)”.

Os dados relativos aos fatos linguísticos abonados com excertos da obra de Fernão Mendes Pinto (doravante, FMP) mostram, em primeiro lugar, que *a parte de morfologia* (itens 1 a 19) *foi mais contemplada do que a de sintaxe* (itens 20 a 25). Martins (1996) já havia de fato assinalado que o destaque na obra de Said Ali (doravante, SA) era realmente a morfologia, tendo sido a atenção para a sintaxe da inovação. Os dados da tabela 2 no Anexo também confirmam a predominância do tema da morfologia: a seção de vocábulos referentes à parte de lexeologia compreende 913 §§ (54,7%) dos 1670 §§ considerados. Sendo assim, a predominância da morfologia nas abonações da obra de FMP pode ser interpretada como reflexo dessa tendência geral.

Considerando, em segundo lugar, a questão dos padrões linguísticos exemplificados com as abonações da obra de FMP, que é o cerne da hipótese de trabalho deste estudo, verifica-se que apenas em 9 itens há padrões diferentes⁶ do português moderno.

São padrões julgados por SA como diferentes do português moderno⁷:

a) o uso de artigo masculino com os topônimos *Paris* e *Londres* (item 1) — cf. “*Londres* e *Paris* são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto” (p. 68);

b) a forma de plural *habiles* (item 3) — cf. “ocorrem alguns [adjetivos paroxítonos terminados em *-il*] com o plural regular em linguagem antiga” (p. 76);

c) o emprego da forma de superlativo *pobríssimo* (item 4) — cf. “*pobríssimo* [...] é usado na literatura de preferência a *paupérrimo*, hoje mais em voga” (p. 83);

d) o emprego da forma de superlativo *grandíssimo* (item 5) — cf. “*Grandíssimo* [...] ocorre freqüentemente em quinhentistas e seiscentistas [...] desprezando-se, por plebéia e irregular, a forma *grandessíssimo* [...] cujo emprêgo perdura na linguagem familiar” (p. 83);

e) o emprego de *conto* no sentido de “milhão” (item 6) — cf. “Em português antigo a unidade de ordem superior às centenas de milhares chamava-se *conto*” (p. 87)⁸;

f) a forma *produze* de presente (item 11) — cf. “Regular era naquele tempo [de D. Duarte] o uso terminal de *-e* nos verbos em *-uzir*” (p. 135);

g) o emprego da forma de particípio passado *aceitado* (item 12) — cf. “Particípio de *aceitar* é *aceitado* conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que os empregavam junto a *ter*, junto a *ser*, nas construções de particípio absoluto e também como adjetivo” (p. 147);

h) o emprego da expressão *até não* no sentido de “enquanto não” (item 18) — cf. “Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa *até não*” (p. 200); e

i) o emprego de *nunca* para qualidade ainda não superada até um dado momento (item 19) — cf. “Escritores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas [...]

6 Tomou-se como referência para o julgamento de que um dado padrão não pertence ou é incomum em relação ao português moderno aquilo que é explicitado pelo próprio SA.

7 Após cada item, apresenta-se o excerto do texto de SA que expressa seu julgamento de que se trata de padrão diferente do português moderno (com indicação da página na sua gramática histórica).

8 SA chama a atenção, nesse caso, da permanência da forma com esse sentido apenas na expressão “contos de réis” daquela época.

empregavam para o mesmo fim [o de produzir a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento atual] a palavra *nunca*” (p. 200).

Diante desses dados, deve-se considerar, então, que a hipótese de que o papel das abonações extraídas da obra de FMP teria sido o de evidenciar padrões sintáticos que passaram por mudança do séc. XVI para o séc. XX *não procede totalmente*, já que apenas uma parcela minoritária dos dados — 9 (36%) de 25 itens — se refere a fatos diferentes do português moderno e eles se circunscrevem mais à morfologia do que à sintaxe, logo não desempenham o papel hipotetizado. Chama ainda a atenção o fato de que são aqueles itens vinculados justamente ao nível da sintaxe (itens 20 a 25) que não são apresentados explicitamente por SA como padrões diferentes do português moderno, ou seja, pelo menos especificamente em relação às abonações de FMP referentes à sintaxe, não se pode considerar que servissem para exemplificar mudanças linguísticas que ocorreram a partir do séc. XVI na história do português, segundo o julgamento de SA.

Em relação aos itens restantes, há dois tipos de posicionamento de SA: (a) indicação explícita de que se trata de padrão linguístico ainda presente no português moderno — 5 (20%) de 25 — ou (b) ausência de informação que ateste claramente seu julgamento sobre o padrão linguístico — 11 (44%) de 25.

São padrões julgados como presentes no português moderno:

- a) o emprego da forma de masculino *copos* (item 2) — cf. “Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber” (p. 72);
- b) o emprego do pronome relativo *que* por oposição a *qual* (item 8) — cf. “Os escritores da Renascença poucas vezes usaram *a qual cousa, da qual cousa etc.* e adotaram *o quê, do quê, no quê, pelo quê*, maneira de exprimir mais simples, mais elegantes e que continuou a usar-se até os nossos dias” (p. 107);
- c) o emprego do verbo *cumprir* regendo a preposição *com* (item 13) — cf. “Data de longe a dição *cumprir com*” (p. 170);
- d) o emprego da forma medial *lembrar-se* para sujeito não pessoal (item 16) — cf. “*Lembrar* (a alguém alguma coisa) é verbo causativo. [...] Nem sempre a causa determinante é [...] pessoal; a memória também pode ser despertada por uma coisa, um fato qualquer. [...] Para todos estes casos costuma os escritores portugueses, sobretudo os modernos, utilizar-se do verbo *lembrar* na forma ativa, reservando o medial *lembrar-se* de preferência para o despertar de idéias resultante do esforço próprio de meditar e em harmonia com êle. No Brasil não é uso distinguir tanto.” (p. 181); e

e) o emprego em uma mesma oração de mais de um termo negativo (item 17) — cf. “Para o povo, o acúmulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrário, que negar o negado equivale a afirmar; mas abre exceção [...] desde que o nôvo têrmo negativo não anteceda o advérbio *não*. Segundo essa doutrina, aceita na linguagem literária do português moderno, é lícito dizer: [*seguem as abonações*]” (p. 198-199);

Não receberam julgamento por SA quanto ao pertencimento a uma fase específica do português os seguintes fatos:

- a) o emprego de *isso* para aludir ao que acaba de ser dito pelo indivíduo com quem se fala (item 7);
- b) o emprego de *o quê, no quê, pelo quê*, com o determinativo *o*, referindo-se ao fato que se acabou de enunciar (item 9);
- c) o emprego de *quem* como pronome absoluto e invariável para pessoa desconhecida ou indeterminada (item 10);
- d) o emprego do verbo *apontar* regendo a preposição *para* (item 14);
- e) o emprego de objeto indireto para agente em estrutura com verbo *ouvir* combinado com infinitivo transitivo direto (item 15);
- f) o emprego de verbo no plural para sujeito no singular ligado a sujeito no plural através da preposição *com* (item 20);
- g) o emprego do pretérito perfeito denotando ação durativa ou frequentativa (item 21);
- h) o emprego de infinitivo pessoal com verbos que denotam esforço ou tentativa (item 22);
- i) o emprego de infinitivo pessoal regido por *de* exprimindo a causa determinante de um sentimento (item 23);
- j) o emprego de infinitivo pessoal regido por *de* exprimindo esperança (item 24); e
- k) o emprego de infinitivo pessoal dependente de *obrigar a*, exprimindo efeito produzido ou almejado por ato de coerção ou constrangimento (item 25).

Os dados sem julgamento explícito de SA quanto à fase de pertencimento do português são claramente a maioria (44%) no conjunto das abonações de obra de FMP. Além disso, nenhum dos de sintaxe recebeu esse julgamento. Isso evidencia que, pelo

menos no que diz respeito à obra *Peregrinação*, suas abonações não tinham como objetivo principal evidenciar *padrões sintáticos que passaram por mudança do séc. XVI para o séc. XX*. Se esses dados tivessem esse objetivo, seria de esperar que SA adjungisse expressões que tornassem isso bem claro, como as já constatadas “em linguagem antiga”, “em quinhentistas e seiscentistas”, “em português antigo”, etc.

É necessário, portanto, aprofundar a discussão sobre as motivações para a presença de abonações de FMP na gramática histórica de SA.

Impõe-se reconhecer, primeiramente, que o português clássico, que é a fase a que pertence a obra de FMP, foi enfatizado por SA não apenas para atestar *ruptura* entre passado e presente, mas também *continuidade*.

Essa interpretação da história do português em termos de ruptura e continuidade tem sido modernamente contemplada, em especial, no quadro dos estudos sobre as especificidades do português do Brasil. Para a presente discussão, é de grande interesse o trabalho de Cunha (1985), que, opondo-se à interpretação de unidade e de arcaicidade do português do Brasil defendida por Melo (1981) e Elia (1979), apresenta uma proposta de interpretação das características dessa variedade em termos de *conservação* e *inovação*. Cunha (1985) vincula os fatos linguísticos conservadores do português do Brasil ao português do séc. XVI, por contraste a Melo (1981) que os situou no séc. XV. Não cabe aqui retomar cada um dos fatos conservadores elencados por Cunha (1985), já que, em sua maioria, são fonético-fonológicos (9 tidos como certos e 6 como prováveis), por oposição aos poucos morfossintáticos que lista (apenas 3), e a gramática histórica de SA, como já mencionado, se concentra na morfologia e na sintaxe. A menção ao trabalho de Cunha (1985) tem como objetivo chamar a atenção para a existência de uma interpretação da história da língua portuguesa (incluindo-se a questão do português do Brasil) como um *processo dual*, equilibrando-se entre conservação e inovação, e, pelo presente estudo, percebe-se que essa interpretação já podia ser percebida bem antes, na gramática histórica de SA. Sendo assim, considera-se que a grande atenção dada por SA ao séc. XVI, o século com maior número de autores contemplados e com o maior número de parágrafos com abonações em sua obra, estaria relacionada à sua interpretação da história como *processo dual*: os dados do séc. XVI foram incluídos para mostrar que houve tanto ruptura (inovação) quanto continuidade (conservação).

Considerando os dados referentes às abonações de FMP, fica bem evidente essa interpretação como processo dual na gramática de SA: 9 itens contemplam padrões linguísticos diferentes do português moderno (casos relacionados a inovação, portanto) e 5 itens exemplificam padrões presentes no português moderno (logo, conservação).

Apesar de elucidado o fato de que o recurso a autores do séc. XVI tinha como objetivo evidenciar a interpretação da história da língua como processo dual, ainda resta a dúvida sobre o porquê especificamente de FMP, já que vários outros autores do séc. XVI também comparecem nas abonações.

Pode-se aventar inicialmente que sua presença estivesse vinculada à *existência de particularidades*, ou seja, fatos presentes apenas na obra de FMP. Essa interpretação não é capaz de dar conta de todos os dados, pois, em apenas 1 dos 25 itens com abonações desse autor, ele é o único da abonação (trata-se do item 1).

Dado o grande número de autores do séc. XVI contemplados com abonações, é possível imaginar que o objetivo de SA tenha sido principalmente o de enquadrar os fatos linguísticos analisados menos no terreno da estilística (no âmbito individual) e mais no campo da língua como norma (no âmbito coletivo). Sendo assim, a presença de FMP na gramática histórica de SA teria como função contribuir para a *atestação de padrões linguísticos coletivos*, mais do que individuais.

Como muitos foram os autores do séc. XVI que deixaram produção escrita, houve certamente uma priorização de SA na seleção daqueles que foram contemplados com abonações. FMP não foi aquele ao que mais se recorreu, mas também não foi totalmente acidental: ele é o sétimo dentre os 24 desse século com mais abonações na obra de SA, sendo o primeiro, inevitavelmente, Camões (este com 171 §§ frente aos 25 §§ daquele).

A inclusão de FMP como fonte de abonações em gramáticas históricas do português apresenta ainda duas especificidades. Primeiramente, antes da publicação da obra de SA ainda como partes separadas entre 1921 e 1923, essa inclusão já havia sido inaugurada com a obra *Noções de Grammatica Portugueza* (1887), de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade⁹ e também se fez presente na *Grammatica Historica* (1916), de Eduardo Carlos Pereira¹⁰. Esses dados demonstram que a valorização de FMP como testemunho linguístico do séc. XVI já estava em desenvolvimento quando da publicação da obra de SA em partes separadas entre 1921 e 1923. Em segundo lugar, nota-se que foi na produção de gramáticas históricas por estudiosos brasileiros que FMP adentrou nesse espaço. Embora nem todas as gramáticas históricas anteriores à obra de SA tenham se preocupado de incluir

9 Cf. Pacheco Jr. e Andrade (1887, p. 194, 222, 411, 466 [= 222], 468, 472 [2x], 475 [= 411], 478 e 532) = 10 ocorrências de abonação, mas apenas 8 são diferentes entre si. Na obra anterior e individual, que constitui mais propriamente uma introdução, Pacheco Jr. (1878, p. 54) menciona apenas o nome de Fernão Mendes Pinto, sem apresentar transcrição de qualquer parte de sua obra.

10 Cf. Pereira (1916 [1919, p. 257, 283, 326, 330, 332, 352, 356, 358 [2x], 367 [2x], 374 [5x], 405, 414 [2x], 415 [2x], 421, 423, 428 [3x], 431, 433, 472, 475, 513, 514, 515 [6x], 541 e 543]) = 40 abonações ocorrências de abonação, todas diferentes entre si.

abonações extraídas de obras de cada época, mesmo as que o fizeram não contemplaram esse autor quinhentista (cf., p. ex., a *Grammatica Portuguesa Elementar* (1876), de Teófilo Braga), apesar de já haver condições materiais para tal, em função da publicação da edição rollandiana¹¹ da *Peregrinação* em 1829.

Diante desses dados, surge imediatamente uma questão: por que, no Brasil, se teria dado importância a FMP como testemunho linguístico do séc. XVI, importância esta evidenciada por sua inclusão com abonações nas gramáticas históricas?

Uma possível explicação pode estar na interpretação apresentada por Cunha (1985), de que *o português do Brasil tem nítidos vínculos com o português quinhentista*. Embora o trabalho de Cunha (1985) date de quase um século após a gramática de Pacheco Jr. e Andrade (1887), que foi a inauguradora da prática de inclusão de abonações de FMP, é possível imaginar que a leitura da obra de FMP causasse um sentimento de familiaridade em pesquisadores brasileiros em função de semelhanças linguísticas entre essas duas variedades: a quinhentista de FMP e a oitocentista de gramáticos brasileiros. Embora as abonações de FMP na obra de Pacheco Jr. e Andrade (1887) tenham sido apresentadas essencialmente para mostrar o que é diferente entre as duas sincronias, tal é, de fato, a principal expectativa em gramáticas históricas: mostrar mudanças. A opção de Pacheco Jr. e Andrade (1887) por contemplar FMP não parece aleatória, já que mudanças poderiam ser evidenciadas com abonações de vários outros autores. Por um lado, deve-se considerar que esses autores terão sido influenciados pela obra de Leoni (1858), que, embora não se enquadre no perfil de gramática histórica científica, apresentava abundantemente dados de natureza histórica e com diversas abonações de FMP¹². Por outro lado, o estilo de FMP, interpretado como “simples” por Pacheco Jr. e Andrade (1887), é reflexo muito provavelmente de um maior grau de oralidade em sua obra, tal como defendeu Monteiro (1952, v. 1, p. 8): “ele partiu da língua falada [...]. Ele escreve como teria falado”. Em função disso, o sentimento de familiaridade entre o quinhentista lusitano e os oitocentistas brasileiros deve ter-se feito mais nítido do que em relação a outros autores do séc. XVI,

¹¹ Uma análise detida da edição evidenciou que foi preparada com grande rigor, tendo sido feitas algumas regularizações gráficas como as referentes a diacríticos e ao uso de letras ramistas (*u/v, i/j*), além de algumas poucas conjecturas retificando erros de impressão da edição *princeps* de 1614.

¹² Na obra de Leoni, há 77 abonações de FMP e 8 das 10 presentes em Pacheco Jr. e Andrade (1887) já constavam desse texto (Leoni, 1858, t. 1, p. 236 [2x]; t. 2, p. 109 [2x], 185, 20, 43 e 165). Pacheco Jr. e Andrade não indicam o trabalho de Leoni como fonte dessas abonações, mas citam a obra dele em diversas passagens, mostrando assim que a consultaram. Leoni (1858) também foi consultado por Pereira (1916), que assim o indica em uma dada passagem (Pereira, 1916 [1919, p. 558]), mas as abonações deste são muito diferentes das de Leoni, o que indica coleta original sobre a obra de FMP neste caso. Os casos de abonação reaproveitada de obras gramaticais anteriores lembram claramente a estabilidade dos exemplos no tempo em gramáticas assinalada por Auroux (1992, p. 67).

cuja produção escrita apresentaria menor grau de oralidade. Em síntese, *Pacheco Jr. e Andrade (1887) teriam valorizado FMP em função do vínculo linguístico existente entre o português quinhentista e o português do Brasil*, vínculo este mais nítido em função de uma maior oralidade na linguagem da obra de FMP.

SA, em sua gramática histórica, teria continuado essa tradição de referência a FMP, provavelmente também inspirado por esse autorreconhecimento linguístico. Mas, na gramática de SA, a consciência do vínculo linguístico já não fica mais pressuposta como na obra de Pacheco Jr. e Andrade (1887), pois SA apresenta diversas abonações de FMP para demonstrar que, tal como era no séc. XVI, assim também o era no então séc. XX: cf. o comentário anterior sobre padrões julgados como presentes no português moderno por SA, com referência aos itens 2, 8, 13, 16 e 17 das abonações de FMP.

Considerações finais

O presente estudo teve como principal objetivo discutir os critérios de inclusão de abonações da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de Said Ali. Testou-se a hipótese de que o papel das abonações extraídas da obra de Fernão Mendes Pinto teria sido o de evidenciar padrões sintáticos que passaram por mudança do séc. XVI para o séc. XX. Os dados coletados revelaram que essa hipótese não procede totalmente, já que apenas uma parcela minoritária das abonações poderia estar desempenhando esse papel. Os dados permitiram considerar que essas abonações teriam, sobretudo, a função de sustentar uma interpretação da história da língua portuguesa como *processo dual*, ou seja, comportando tanto *ruptura* (inovação) quanto *continuidade* (conservação). Além disso, pode-se também considerar que, em pelo menos um caso, o recurso a uma abonação de FMP se deveria a uma particularidade linguística presente em sua obra. Também justificaria a presença de abonações de FMP a intenção de atestação de padrões linguísticos coletivos (uma norma), mais do que padrões individuais. Por fim, considerou-se ainda que a valorização de FMP como testemunho linguístico do séc. XVI, através do recurso a abonações suas, continuava uma tradição iniciada por Pacheco Jr. e Andrade (1887), motivada pela percepção de nítidos vínculos linguísticos entre o português quinhentista e o português do Brasil de então.

Como já assinalado, segundo Auroux (1992, p. 65), a gramatização constitui “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua”. Como instrumento linguístico, uma obra gramatical constitui mais do que apenas uma descrição linguística, uma vez que ela tem a possibilidade de interferir nos usos linguísticos de uma dada comunidade. Embora a gramática histórica de Said Ali não fosse diretamente voltada

para o ensino da norma culta nas escolas, certamente seria lida e influenciaria aqueles que desempenhavam essa função. Dada a presença de autores quinhentistas, como Fernão Mendes Pinto, nessa gramática, estar-se-ia indiretamente legitimando variantes linguísticas presentes no português do Brasil como parte da norma culta que seria ensinada nas escolas, já que o português quinhentista e o brasileiro têm fortes vínculos. Se essas variantes já existiam no português quinhentista, então não era necessário que também existissem no português lusitano moderno para poderem fazer parte da norma culta: abria-se, assim, caminho para a integração dos padrões linguísticos do português do Brasil à norma culta ensinada, que até então era fortemente vinculada à lusitana¹³.

Referências

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Pontes, 1992.
- BARBOSA, R. **Réplica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953a. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. XXIX, 1902, t. II). Disponível em: <https://bibliotecadigital.stf.jus.br/xmlui/handle/123456789/183>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- BARBOSA, R. **Réplica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953b. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. XXIX, 1902, t. III). Disponível em: <https://bibliotecadigital.stf.jus.br/xmlui/handle/123456789/201>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- BRAGA, T. **Grammatica portugueza elementar fundada sobre o methodo historico-comparativo**. Porto; Rio de Janeiro: Livraria Portuguesa e Estrangeira, 1876. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=0iQ1AQAAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- CARVALHO E SILVA, M. de. Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali. **Confluência**: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, v. 5, p. 48-59, 1993. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/740>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- CAVALIERE, R. Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação. **Limite**, Cáceres, v. 6, p. 217-236, 2012. Disponível em: <https://publicaciones.unex.es/index.php/limite/article/view/1469>. Acesso em : 5 abr. 2023.
- COSERIU, E. Do sentido do ensino da língua literária. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 37-50, 1993. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/951>. Acesso em: 15 abr. 2023.

¹³ O próprio Rui Barbosa, em sua réplica para defender os padrões linguísticos presentes no projeto do então novo Código Civil Brasileiro, apresenta abonações da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto como forma de discutir suas escolhas (Barbosa, 1953a, t. 2, p. 136, 324 e 381; 1953b, t. 3, 169, 171, 288 e 368).

- | Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali

CUNHA, C. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, 1985. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4218. Acesso em: 15 abr. 2023.

ELIA, S. **A unidade linguística do Brasil** (condicionamentos geoeconômicos). Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FRANCISCHINI, A. W. de F. Estudo sobre o uso do cânone linguístico-literário na *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, de Adriano da Gama Kury. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 37, p. 111-136, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/59325>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FARIA, F. L. de. **As muitas edições da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992. (Subsídios para a História Portuguesa, 24).

GARCIA, J. M. Apresentação. *In*: PINTO, F. M. **Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto**. Edição fac-similada. Maia: Castoliva, 1995. p. 7-18.

HENRIQUES, C. C. O cânone lingüístico-literário na *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. **Idioma**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 25-36, 1998.

HENRIQUES, C. C. O cânone lingüístico-literário, segundo a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 44-52, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/2/044.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

HENRIQUES, C. C. O cânone linguístico-literário das gramáticas de Celso Cunha. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 6, p. 115-159, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i6p115-159>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LEONI, F. E. **Genio da lingua portugueza**. Lisboa: Typographia do Panorama, 1858. 2. v. Disponível em: <https://purl.pt/143>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LÓPEZ VIÑAS, X.; CAETANO, M. do C. Os prefixos de negação nas gramáticas históricas do português e do galego. *In*: MORENO, A. (org.). **Cadernos WGT: Negação**. Lisboa: Nova FCSH, 2010. Disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/X.-Vinas-M.-C.-Caetano.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MALKIEL, Y. A tentative typology of Romance historical grammars. **Lingua**, v. 9, n. 4, p. 321-416, 1961. [Rep.: **Essays in Linguistic Themes**. Oxford/Blackwell, 1968. p. 71-164]

MARTINS, A. M. Gramáticas históricas do português. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XI, Lisboa, 1995. **Actas...** Lisboa: APL, 1996. vol. III, p. 53-71. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1995-7-2.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MELO, G. C. de M. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.

MONTEIRO, A. C. Prefácio. In: PINTO, F. M. **Peregrinaçam = Peregrinação**. Lisboa; Rio de Janeiro: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro; Casa do Estudante do Brasil, 1952-1953. 2 v. Disponível em: <http://purl.pt/26736>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PENHA, J. A. P. P. Nossas gramáticas históricas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XII, Braga-Guimarães, 1996. **Actas...** Lisboa: APL, 1997. V. II, p. 521-524. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1996-41.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PEREIRA, E. C. **Grammatica historica**. [São Paulo]: Seção de Obras d'“O Estado de São Paulo”, 1916. [4. ed., 1919] Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26058>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PINTO, F. M. **Peregrinação de Fernão Mendez Pinto**: nova edição conforme á primeira de 1614. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1829. 2 t. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=cxBFAQAAMAAJ>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SAID ALI, M. **Grammatica historica da lingua portugueza**. São Paulo: Melhoramentos, 1931. [Reed.: **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964. (Biblioteca Básica Brasileira, 1)].

SILVA JUNIOR, M. P. da. **Grammatica historica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: D. M. Hazlett, 1878.

SILVA JUNIOR, M. P. da; ANDRADE, L. de. **Noções de grammatica portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes preparatorios do corrente anno**. Rio de Janeiro: J. G. Azevedo, 1887. Disponível em: <https://archive.org/details/noesdegramma00pachuoft>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ANEXO

Tabela 2. Parágrafos com abonação por autor

Autor	Vida	Séc.	Completo §§ 32-1701			Lexecologia §§ 32-1125						Formação e Sintaxe §§ 1126-1701					
						Sons §§ 32-212			Vocábulos §§ 213-1125			Formação §§ 1126-1329			Sintaxe §§ 1330-1701		
			n	%	#	n	%	#	n	%	#	n	%	#	n	%	#
Dom Duarte	1391 — 1438	XV	24	1,5	18	6	7,4	5	13	1,4	19	2	11,1	3	3	0,5	28
Zurara, Gomes Eanes de	1410 — 1474	XV	36	2,2	12	—	—	—	29	3,0	11	—	—	—	7	1,2	23
Fernão Lopes	1418 — 1459	XV	96	5,8	6	11	13,6	2	72	7,5	4	2	11,1	3	11	1,9	15
Rui de Pina	1440 — 1522	XV-XVI	6	0,4	33	—	—	—	3	0,3	30	—	—	—	3	0,5	28
Duarte Galvão	1446 — 1517	XV-XVI	3	0,2	40	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	1	0,2	32
Gil Vicente	c.1465 — c. 1536	XV-XVI	62	3,8	9	3	3,7	9	36	3,8	9	3	16,7	2	20	3,4	9
Sá de Miranda	1481 — 1558	XVI	23	1,4	20	4	4,9	6	18	1,9	16	—	—	—	1	0,2	32
Samuel de Usque	1490 — 15??	XVI	3	0,2	40	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	1	0,2	32
Gaspar Correia	1492 — c. 1561	XVI	1	0,1	49	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	—	—	—
João de Barros	1496 — 1570	XVI	129	7,8	3	2	2,5	12	75	7,8	3	1	5,6	6	51	8,6	4
Antônio Prestes	15??	XVI	5	0,3	36	—	—	—	3	0,3	30	1	5,6	6	1	0,2	32
Jerônimo Ribeiro	15??	XVI	1	0,1	49	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	—	—	—
Castanheda, Fernão Lopes de	1500 — 1559	XVI	66	4,0	8	3	3,7	9	42	4,4	7	1	5,6	6	20	3,4	9
Francisco de Moraes	1500? — 1572	XVI	27	1,6	15	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	26	4,4	6
Damião de Góis	1502 — 1574	XVI	17	1,0	21	1	1,2	16	7	0,7	23	—	—	—	9	1,5	19
Bernardo da Cruz, Frei	1505 — 1565	XVI	4	0,2	39	—	—	—	4	0,4	27	—	—	—	—	—	—
Fernão d'Oliveira	1507 — 1581	XVI	9	0,5	28	—	—	—	9	0,9	22	—	—	—	—	—	—
Fernão Mendes Pinto	c. 1510 — 1583	XVI	25	1,5	17	—	—	—	19	2,0	13	—	—	—	6	1,0	25
Jorge Ferreira (de Vasconcelos)	1515/25? — 1585	XVI	7	0,4	31	1	1,2	16	2	0,2	34	—	—	—	4	0,7	26
Chiado, Antônio Ribeiro	1520 — 1591	XVI	1	0,1	49	—	—	—	—	—	—	1	5,6	6	—	—	—
Camões, Luís de	1524 — 1579/80	XVI	171	10,4	2	10	12,3	3	105	10,9	2	—	—	—	56	9,5	3
Antônio Ferreira	1528 — 1569	XVI	14	0,8	24	2	2,5	12	11	1,1	20	—	—	—	1	0,2	32
Heitor Pinto, Frei	1528 — 1584	XVI	67	4,1	7	7	8,6	4	39	4,1	8	—	—	—	21	3,5	8
Tomé de Jesus, Frei	1529 — 1582/83	XVI	6	0,4	33	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	4	0,7	26
Diogo Bernardes	1530 — c. 1594	XVI	1	0,1	49	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	—	—	—
Arrais, Frei Amador	1530 — 1600	XVI	54	3,3	10	4	4,9	6	31	3,2	10	—	—	—	19	3,2	11
Gandavo, Magalhães de	c. 1540 — c. 1580	XVI	1	0,1	49	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	—	—	—
Gabriel Soares de Sousa	1540 — 1591	XVI	2	0,1	45	—	—	—	1	0,1	41	1	5,6	6	—	—	—
Jerônimo de Mendonça	1548 — 1607	XVI	7	0,4	31	—	—	—	7	0,7	23	—	—	—	—	—	—
Lucena, João de	1549 — 1600	XVI	6	0,4	33	—	—	—	6	0,6	26	—	—	—	—	—	—
Diogo de Couto	c. 1542 — 1616	XVI-XVII	30	1,8	13	—	—	—	19	2,0	13	—	—	—	11	1,9	15
Sousa, Frei Luís de	1555 — 1632	XVI-XVII	54	3,3	10	2	2,5	12	24	2,5	12	2	11,1	3	26	4,4	6
João dos Santos, Frei	1570? — 1625?	XVI-XVII	3	0,2	40	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	1	0,2	32
Gabriel Pereira de Castro	1571 — 1632	XVI-XVII	5	0,3	36	—	—	—	4	0,4	27	—	—	—	1	0,2	32
Rodrigues Lôbo	1580 — 1622	XVII	14	0,8	24	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	13	2,2	12
Faria e Sousa (Manuel de)	1590 — 1649	XVII	1	0,1	49	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,2	32
Freire de Andrade, Jacinto	1597 — 1657	XVII	9	0,5	28	—	—	—	—	—	—	—	—	—	9	1,5	19
Francisco Manuel de Melo, Dom	1608 — 1666	XVII	29	1,8	14	1	1,2	16	19	2,0	13	—	—	—	9	1,5	19
Vieira, Padre Antônio	1608 — 1697	XVII	268	16,2	1	14	17,3	1	158	16,5	1	4	22,2	1	92	15,5	1
Bernardes, Padre Manuel	1644 — 1710	XVII-XVIII	105	6,4	5	4	4,9	6	69	7,2	5	—	—	—	32	5,4	5
Antônio José (da Silva)	1705 — 1739	XVIII	9	0,5	28	—	—	—	—	—	—	—	—	—	9	1,5	19
M(atias) Aires	1705 — 1763	XVIII	15	0,9	23	—	—	—	3	0,3	30	—	—	—	12	2,0	13
Freire, F(rancisco) J(osé)	1719 — 1773	XVIII	14	0,8	24	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	12	2,0	13
Durão, Frei Santa Rita	1722 — 1784	XVIII	3	0,2	40	—	—	—	3	0,3	30	—	—	—	—	—	—
Figueiredo, A(ntônio) P(ereira) de	1725 — 1797	XVIII	2	0,1	45	—	—	—	1	0,1	41	—	—	—	1	0,2	32
Filinto Elísio	1734 — 1819	XVIII-XIX	24	1,5	18	2	2,5	12	15	1,6	18	—	—	—	7	1,2	23
Simão de Vasconcelos	1788 — 1832	XIX	3	0,2	40	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	0,5	28
Garrett, Almeida	1799 — 1854	XIX	17	1,0	21	—	—	—	7	0,7	23	—	—	—	10	1,7	17
Castilho, Antônio Feliciano de	1800 — 1875	XIX	27	1,6	15	1	1,2	16	16	1,7	17	—	—	—	10	1,7	17
Herculano, Alexandre	1810 — 1877	XIX	125	7,6	4	3	3,7	9	58	6,0	6	—	—	—	64	10,8	2
Gonçalves Dias	1823 — 1864	XIX	2	0,1	45	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	0,3	31
Camilo (Castelo Branco)	1825 — 1890	XIX	2	0,1	45	—	—	—	2	0,2	34	—	—	—	—	—	—
Julio Dinis	1839 — 1871	XIX	11	0,7	27	—	—	—	10	1,0	21	—	—	—	1	0,2	32
Eça de Queirós	1845 — 1900	XIX	5	0,3	36	—	—	—	4	0,4	27	—	—	—	1	0,2	32
Total			1651	100	—	81	100	—	960	100	—	18	100	—	592	100	—

Fonte: Elaboração própria

COMO CITAR ESTE ARTIGO: CAMBRAIA, César Nardelli. Fernão Mendes Pinto na gramática histórica de Said Ali. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 135-159, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 16/01/2023 | Aceito em: 15/04/2023.
